

Icaro Souto Silva Mesquita

Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro do corpo editorial do Cosmopolítico.

DA HISTÓRIA E POLÍTICA PARA AS TELAS: O CINEMA PODE AJUDAR A ENTENDER E ENSINAR RELAÇÕES INTERNACIONAIS?

O estudo das Relações Internacionais tem como um dos seus principais pilares a análise da conjuntura histórica. Como afirma a Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI, [s.d]),

a História é parte constitutiva da identidade do campo de estudo das Relações Internacionais em todo o globo, sendo uma das matrizes fundamentais dos estudos de relações internacionais do Brasil.

Tal importância se concentra principalmente na finalidade de se obter dados que ajudem a compreender os acontecimentos passados, presentes, e, de certa forma, futuros, bem como a própria estrutura do sistema internacional em determinado período. Nesse sentido, surge a necessidade de se buscar fontes que tragam análises de determinado período, de modo que se possa montar uma linha argumentativa consistente para se chegar a determinado objetivo.

Apesar da importância da utilização de fontes documentais, livros e artigos da área, a fim de se analisar alguma conjuntura, diante do crescente desenvolvimento do cinema e dos serviços de *streaming*, a utilização de fontes alternativas para se estudar e analisar determinado contexto, como filmes, séries e documentários,



pode ganhar cada vez mais proeminência à medida que a tecnologia e o próprio estudo da história avançam, podendo trazer consigo uma maior acurácia dos fatos.

A partir dessa hipótese, pode-se inferir que tais ferramentas podem ser utilizadas de forma pedagógica, dentro e fora da sala de aula, para análises e contextualizações de diversos períodos históricos, de forma a facilitar a compreensão e inserir mais vivamente um estudante em determinado contexto. O advento dos streamings e a facilidade em obter acesso a diversos filmes os tornam também uma alternativa mais democratizada.

A reconstrução de determinado fato histórico, porém, pode trazer algumas problemáticas. Em primeiro lugar, há a preocupação do que assistir e como saber separar a ficção da realidade, pois é comum em produções cinematográficas que um fato seja retratado a partir do ponto de vista de apenas um lado envolvido no acontecimento abordado. Isso se confirma ao analisar que, ao longo da história, sempre foi comum haver mais de um lado, ou mais de um interesse em jogo por parte daqueles que protagonizaram certo momento. Desse modo, surge a questão de como retratar determinado acontecimento da forma mais correta ou imparcial possível.

Uma vez que o principal objetivo de uma produção cinematográfica normalmente não é o de ensinar, mas entreter, e o público alvo não é o de estudantes, mas o grande público, que é quem trará lucro para a produção, torna-se necessário que aquele que pretende se utilizar de filmes, séries ou documentários como ferramenta de estudo saiba selecionar, com uma visão crítica, os acontecimentos reais do que está sendo retratado a partir da visão de um diretor.

Para isso, portanto, ainda faz-se necessária a utilização de métodos mais tradicionais, como os livros clássicos comumente estudados ao longo da graduação, bem como o preparo dos professores que optarem por esse método de ensino.

De acordo com Safia Swimelar (2013), o ensino das Relações Internacionais com o auxílio de ferramentas audiovisuais, sobretudo do cinema, pode ser arriscado, uma vez que, por ter tempo e características próprias limitantes, como a necessidade de construção de personagens e a simplificação de informações para atingir o máximo de pessoas, podem acabar tratando determinados assuntos de forma muito rasa, o que pode trazer pontos negativos a respeito do que se pode tirar de sua análise.

A autora ainda afirma que, por vezes, aquele que estiver tentando aprender, ou os próprios professores, não possuem o preparo necessário para ensinar ou se

utilizar da ferramenta da forma correta, o que pode levar à desinformação e acabar ocultando informações cruciais para um entendimento correto do objeto estudado (SWIMELAR, 2013).

A partir dos argumentos de Swimelar, é possível inferir que há um certo grau de risco ao se utilizar produções audiovisuais no ensino. Desse modo, surge o questionamento: Se possível, como utilizá-las da forma mais correta possível? De acordo com Junior e Zanella (2016), é possível observar três métodos da utilização do cinema no estudo das Relações Internacionais. O primeiro diz respeito à análise do livro como se fosse um texto, a chamada “análise-texto”. Uma segunda abordagem, o método “externo-estético”, combina informações externas com as do filme para se chegar a um resultado. A terceira, por fim, é a “contextualização temática”, que buscará analisar todo o contexto no qual o filme está inserido.

A “análise-texto” aborda o roteiro do filme como principal fonte de estudo, deixando de lado elementos alheios à história que a produção traz. Apesar deste método levar a um aprofundamento na ferramenta de estudo, ele acaba por negligenciar informações que podem ser de extrema importância para compreensão plena de acontecimentos, levando à uma análise simplista em relação ao assunto, que se estende para além do filme (ZANELLA; NEVES JR., 2016). O método “externo-estético”, por sua vez, busca concentrar-se na obra cinematográfica como um todo, analisando não apenas o roteiro, mas todos os elementos que a compõem, desde o elenco e elementos constituintes de um filme, como a fotografia, às inclinações ideológicas do estúdio que a produziu. Este tipo de análise, no entanto, pode ser extremamente complicada, uma vez que demanda a utilização de diversas áreas do conhecimento e a preparação necessária para conectar os dados obtidos à área das Relações Internacionais (ZANELLA; NEVES JR., 2016).

A última abordagem, a “contextualização temática”, procura analisar, para além do filme, toda a conjuntura da época por meio de um recorte temporal e as razões que levaram à produção deste, além de buscar também outras obras surgidas no mesmo contexto, como é destacado a seguir:

Parte-se da escolha de um filme que simbolizou determinada conjuntura, se identifica qual o posicionamento em relação a um determinado tema e, a seguir, analisa-se o contraste com as demais obras lançadas no mesmo contexto histórico. A ênfase, então, se desloca para qual percepção política os estúdios, em articulação com grupos políticos e/ou governo, procuraram difundir sobre um assunto. Enfatiza-se, aqui, o cinema enquanto agente histórico e político (ZANELLA; NEVES JR., 2016, p.33).

Diante do argumento dos autores, é possível perceber que uma análise de um filme demanda diversas etapas, além de poder ser feita de maneiras diferentes. A

escolha do método a ser utilizado pode variar de acordo com o objetivo que quem estuda busca alcançar, mas no caso das Relações Internacionais, a “contextualização temática” aparenta ser a mais adequada, justamente por abordar o papel do cinema na política.

Um outro papel de destaque que se pode observar na utilização das mídias digitais como ferramenta de ensino é no de resgate da memória. Desse modo, Freitas (1997, p.18) afirma que:

O encontro entre o cinema e a história permite estabelecer um laço com a memória passada, que pode se tornar uma ação no presente e uma maneira de tentar confortar antigas dívidas. Enfim, o cinema, mais que exercitar um gosto, permite a provocação de um encontro e, idêntico a outros campos artísticos, organiza nosso modo de ser no mundo, ou seja, de escrever a história.

A partir disso, pode-se constatar a função social do cinema de trazer assuntos à tona, resgatando sua importância e contexto, de modo a retratar ou ilustrar determinado acontecimento. Ao mesmo tempo, também pode levar ao reconhecimento da história de um povo por ele mesmo, ajudando a assegurar as origens, os fatos e a identificação da sua cultura.

Antes de se chegar a uma conclusão a respeito da possibilidade de utilização do cinema no ensino, no entanto, é válido ressaltar que, como percebido ao longo de maior parte da argumentação dos autores abordados, o cinema serve como uma ferramenta a mais para o estudo, não podendo muitas vezes substituir a literatura ou a análise de conjuntura. Para Larruscain e Oliveira (2011, p. 9), “destaca-se que o recurso didático é utilizado buscando sempre uma adequação à proposta da disciplina, ratificando a ideia de utilização do cinema como suporte à prática docente.”

Desse modo, torna-se possível pensar nas ferramentas audiovisuais como recursos didáticos que têm a capacidade de unir imagens e sons ao que se é estudado normalmente, dando uma representação mais “viva” da história e podendo facilitar o aprendizado. No entanto, é necessário se atentar aos perigos que uma análise rasa e simplista dessas ferramentas podem trazer ao processo ensino-aprendizado, uma vez que as produções audiovisuais não tem como principal marca a verossimilhança, podendo causar divergências entre fatos e a ficção.

A utilização de mídias digitais diversas como filmes, séries, documentários, podcasts, entre outros, demanda, portanto, uma observação crítica do que é apresentado, levando em conta que é possível que os dados e possíveis fatos sejam manipulados ou modificados para favorecerem determinada narrativa.

Por fim, o cinema também pode ser um forte aliado na democratização do

conhecimento, popularização do estudo da História e no resgate da memória, uma vez que pode ser visto como uma forma mais atrativa de se aprender fatos históricos por um grande número de pessoas, enquanto pode chamar a atenção e resgatar diversos acontecimentos na história de um povo, que por vezes pode desconhecer diversas figuras importantes para sua cultura, mas que podem ser retratadas e renovadas nas telas, sejam do cinema, da televisão ou do celular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Graziela. Biografias no cinema: resgate da memória individual e coletiva. **Pensar: Revista Eletrônica da FAJE**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/973/1406>. Acesso em: 29 de Maio de 2021

FREITAS, Cristiane. Da memória ao cinema. **Logos**, v. 4, n. 2, p. 16-19, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14591/11054>. Acesso em: 29 de Maio de 2021

Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI). **História das Relações Internacionais e História da Política Externa**. [s.d.]. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1183#:~:text=A%20Hist%C3%B3ria%20%C3%A9%20parte%20constitutiva,relacionam%20existem%20desde%20a%20Antiguidade. Acesso em: 6 de Maio de 2021

JUNIOR, Edson José Neves; ZANELLA, Cristine Koehler. O cinema e a extensão em relações internacionais: métodos, trajetórias e resultados. **Revista da Extensão**, n. 13, p. 30-37, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revext/article/view/100800/56181>. Acesso em: 13 de Maio de 2021

ZANELLA, Cristine Koehler; NEVES JR., Edson José. **O ensino de Relações Internacionais e o cinema**: reflexões sobre o uso de filmes como uma ferramenta pedagógica. *Meridiano 47*, v. 18, p. 1-20, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320082502_O_ensino_de_Relacoes_Internacionais_e_o_cinema_reflexoes_sobre_o_uso_de_filmes_como_uma_ferramenta_pedagogica. Acesso em: 13 de Maio de 2021

LARRUSCAIN, Ida Ourica dos Santos; OLIVEIRA, Maria Angélica Figueiredo. **O cinema como ferramenta de auxílio no processo ensino-aprendizagem**. 2011. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2576/Larruscain_Ida_Ourica_dos_Santos.pdf. Acesso em: 18 de Maio de 2021

SWIMELAR, Safia. Visualizing International Relations: Assessing Student Learning Through Film. **International Studies Perspectives**. V. 14, n. 1, p. 14-38, 2013.